

DIVERSIDADE CULTURAL E LOUCURA: AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS E A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARTE¹

Ernesto Venturini

Consultor, Organização Mundial de Saúde
Bolonha, Itália.
gof9013@iperbole.bologna.it

RESUMO: Este artigo conta a história de uma relação entre o profissional, técnico e autor do artigo e um artista em cuja trajetória de vida recebeu, também, um diagnóstico de transtorno psíquico. Colocando o foco na pessoa e em seu talento, em sua sensibilidade e em sua cultura, o autor descreve o evoluir desta relação em um cenário de desvendamento de realidades complexas, concretas e subjetivas que fizeram uma grande diferença em sua vida pessoal e profissional.

PALAVRAS CHAVE: Subjetividade; Arte; Complexidade.

ABSTRACT: This article tells the story of a relationship between the professional, the article's author, and an artist that happened to be also diagnosed as mentally ill. Focusing the person, his talents, his sensibility, and his culture the author describes the evolution of the relationship in a context of revelation, from the perspective of complex, concrete and subjective realities which made a real difference in the author's life.

KEYWORDS: Subjectivity; Arts; Complexity.

O tema da diversidade e da arte é fascinante e comporta uma reflexão estimulante. A discussão sobre esse tema na área das políticas de saúde mental é sem dúvida um ponto central para nos perguntarmos sobre o significado do conceito de cuidado e de saúde. Eu, em dezembro de 2010, na ocasião do seminário da ENSP, no Rio - sobre "Cartografia cultural. As dobras da loucura" - já tentei compartilhar algumas ideias sobre o assunto, falando sobre "A cultura cura a loucura?". Temendo repetições ou "jogos intelectuais", escolhi, dessa vez, recorrer à minha experiência prática, falando sobre a história de um "diferente". Irei falar assim de Primo Vanni, uma pessoa que encontrou a sua saúde através da arte. Para fazer considerações teóricas, vou usar a narrativa de uma vida e, paradoxalmente, o real torna-se a metáfora que nos permite buscar o significado das coisas.

Primo Vanni foi um dos meus "mestres de vida"... alguns desses mestres deixaram uma marca indelével, já outros, se apagaram com a passagem do

¹ Texto baseado na Mesa Redonda com o mesmo título apresentada no III Congresso Brasileiro de Saúde Mental, em Fortaleza, 03 a 05 de maio de 2012.

tempo ... a todos eu sou grato. Sem dúvida Franco Basaglia foi para mim o mestre mais importante! Que Basaglia viria a ser meu mestre, eu entendi, desde nosso primeiro encontro em Roma. No entanto, quando eu encontrei Primo Vanni pela primeira vez, eu nunca pensei que viria a ser meu mestre.

Eu estava "tomando posse", como diretor do hospital psiquiátrico "Osservanza" em Imola e estava visitando a seção n.13. O chefe dos enfermeiros me levou ao dormitório no piso térreo e Primo apareceu diante de mim de repente. Ele tinha uma boina na cabeça, "casaco sujo", uma mochila em declínio, alguns papéis em suas mãos e vindo em minha direção, perguntou: "O senhor é o novo cientista?"

Os lábios estavam ressecados, rachados, o rosto estava suado e a mão que estendeu para um gesto de cumprimento, estava cheia de tinta. "Meu nome é Primo Vanni. Eu sou um escritor". O enfermeiro balançava a cabeça com sarcasmo: "Escritor? Sem dúvida, um grande escritor!" E me olhava piscando os olhos com a cumplicidade que os "normais" usam contra os "loucos". Por isso e por provocação, tinha apertado com ostentação a mão de Primo e senti a tinta nos meus dedos. "Eu gostaria de ler algo da sua produção, Sr. Vanni".

Imediatamente me levou ao dormitório onde dormia juntamente com outros vinte pacientes. No leito tinha folhas amassadas, escritas com uma caligrafia infantil, acompanhadas de desenhos ingênuos. Outras folhas enchiam, juntamente com sapatos e blusas, uma única mesinha de cabeceira enferrujada.

Primo, que mal sabia ler e escrever, relatava os acontecimentos de sua vida como agricultor; descrevia o efeito de seus milagrosos chás de ervas, suas medidas de tratamento. Mas, acima de tudo, o que ele queria comunicar era o que ele entendia das relações humanas, a maneira pela qual a população rural tinha lutado contra a pobreza: Primo falava da resignação e da esperança. Enquanto usava provérbios, piadas, analogias e aforismos, eu me reconhecia, mais e mais, na sua necessidade de dar sentido através da narrativa a si mesmo e às coisas. Para os humildes reivindicar o direito da palavra, se expressar, é uma oportunidade extraordinária para a própria emancipação. A essência de toda terapia não é outra coisa senão uma troca de histórias e de subjetividades ... Eu olhava com respeito as folhas que em breve seriam

dispersas por todo o hospital, no momento em que Primo, afundado na sua trágica depressão, permaneceria imóvel, por semanas, em sua cama.

Mas o destino de Primo e dos seus escritos seriam decididos, logo em seguida, na ex seção n.15 pela companhia teatral "Mazzolanza Sagré". A oficina teatral dessa ex enfermaria representava um espaço livre: lembrava um pouco a ex seção Q de Trieste, onde nasceu Marco Cavalo, ou o teatro de Misculin, ou lembrava alguns da "Scopa meravigliante" no hospital de Ferrara ou, voltando no tempo, era talvez o renascimento da primeira experiência semelhante - o teatro de Mont Alban produzido na década de '50 pelo psiquiatra catalão François Tosquelles. Os sonhos se materializavam nas cores das coreografias, nas peças teatrais realizadas por essa companhia.

No teatro principal da cidade eram encenados, como por magia, "Um homem é um homem" de Bertolt Brecht, "O doente imaginário" de Molière, "O Congresso dos pássaros" do poeta persa Farid al-Din Attârnel ... e os rostos e as vozes eram as de Primo, de Gilberto, de Mafalda, de Marino juntamente com aqueles das crianças da escola primária da cidade. As pessoas aplaudiam, se comoviam, refletiam, entendiam. Alguns vinham ao hospital afirmando que queriam também encenar juntamente com os loucos.

A seção 15 era o laboratório teatral, era o lugar onde Marina e Francesco, com paciência, com perseverança, tinham ajudado Primo a organizar os seus papéis espalhados e tinham transformado a "mania de um maníaco" em um livro: um livro real. "Mas vez ou outra nos tornamos fracos" foi o título do romance da vida de Primo, publicado em 1990. O livro falava de um mundo rural que estava desaparecendo e exaltava os seus valores e crenças.

Às vezes eu ia para a oficina de teatro para atender Primo. Enquanto ele ensaiava, eu me encantava diante dos "mascarados": Francesco tocava o seu trombone, uma moça fazia um passo de dança e Marina recitava uma canção de ninar. Eu refletia sobre a importância extraordinária que os artistas tiveram no processo de desinstitucionalização naqueles anos, primeiro em Gorizia e depois em Trieste. Era como se, de alguma forma, um grande circo tivesse sido montado, que escancarava de admiração os olhos das crianças e que fazia os adultos voltarem a serem crianças. Basaglia era como se fosse um pouco o diretor desse espetáculo, parecido com "Federico Fellini": os dois encenavam os sonhos impossíveis.

O que acontecia era banal e extraordinário ao mesmo tempo: reconhecendo o direito da imaginação, incentivando a capacidade criativa, as pessoas eram estimuladas a sentirem-se melhor, encorajadas para aumentar a autoconfiança. A criatividade era terapia, assim como a liberdade e o respeito. O que importava era que para Primo, como ele mesmo dizia, e para muitos outros, a roda do destino, finalmente, tinha tomado o caminho certo.

E, depois, Vanni teve a sorte de passar a viver na "Casa do Vento"!

No início Primo foi apenas um dos 87 hospitalizados que pediram para viver em uma enfermaria convertida em casa: a primeira residência em Imola, após o asilo.

Sem nenhuma imposição externa, os 87 sozinhos e depois de muita discussão, reduziram-se para 20 e Primo foi um deles.

Lembro-me dele com a sua mala de "papelão" no dia da abertura da residência, embaraçado, mas feliz, sendo recebido na porta por Florence e Marta. Na cerimônia de abertura - no 18 de maio de 1990 - fazendo o brinde, cantamos o hino nacional, porque essa era verdadeiramente uma ocasião histórica no combate ao asilo. Era como se todos nós tivéssemos encontrado uma nova pátria, reconhecendo e conquistando os direitos da cidadania. "Casa do Vento" expressava concretamente os direitos: era uma "casa real", onde só os usuários da residência tinham as chaves e podiam escolher os profissionais, uma vez que lhes pagavam diretamente com o dinheiro recebido do Estado.

"A Casa do Vento é uma associação formada por 21 moradores (13 homens e oito mulheres) – Primo escrevia – e por cidadãos voluntários de Imola, como Marta, que tem um restaurante, como Mita que é médico e, como De Brasi, que é o prefeito. Algumas pessoas na parte da manhã vão buscar pão, quem vai comprar o macarrão, eu - Primo Vanni - vão para a caixa de correio. Pois agora eu sou feliz e esperamos que o bom Deus sempre nos ajude. "

Na Casa do Vento Primo encontra Mario e Giuseppe: ambos se auto-denominam "pintores". Mario é, talvez, um pouco infantil em seus desenhos, mas é animado por um desejo irresistível de pintar: seus desenhos são muito coloridos e lidam com questões ingênuas - flores, pássaros, casas. Giuseppe tem um estilo mais profissional, faz exposições, suas pinturas muitas vezes têm um estilo abstrato. Primo, juntamente com Mafalda, Fabrizio e com tantos outros frequenta o Curso de Alfabetização, dado por Luisa e Enio, e escreve no

"E pass o temp", um jornal dirigido para a cidade, uma ponte entre o "dentro" e "fora" do asilo, que leva de uma ponta a outra os pensamentos, os sonhos, as necessidades das pessoas. *"Cantamos para a paz - Primo escreve – e cantamos para sempre/ Quem não quer a paz, que vá para o inferno/ Nós queremos o desarmamento e a paz em cada nação/ Nós queremos trabalhar e, em seguida, ter uma aposentadoria"*. Primo, durante seus encontros com alunos da escola de Imola, troca presentes com os meninos e fala contra a guerra. Quando nas noites de verão, no parque do hospital, ocorrem as festividades abertas à cidade, Primo lê os seus poemas. No parque bebe-se um bom vinho e ouve-se boa música. *"A primeira coisa que eu quero fazer é esta – Primo encena no palco - falar com todos os "big boys", para evitar mais guerras/ Por que tem que ter um homem que mata outro?/ A morte envia-nos o bom Deus quando quer / O mundo inteiro é um único país/ Devem-se fazer ruas, casas, lares para idosos, escolas para os jovens/ E, ao contrário, parar de fazer armas de guerra."* Primo envia cartas ao Papa e ao Gorbachev, implora a paz mundial. E eu me perguntava: *"Ele é louco! O que ele espera? Que lhe respondam?"* Se lhe questionava, Primo me olhava com um tom trocista e ingênuo. *"A paz é um assunto sério, ela diz respeito a todos nós: não podemos estar de braços cruzados! "*

Primo é um dos protagonistas da mudança que está ocorrendo em Imola: uma mudança da cultura da cidade, o respeito à diversidade, o que chamamos de "reabilitar a cidade". Em janeiro de 1992 Primo apresenta o seu livro em um programa da televisão nacional. A mensagem é clara: os protagonistas das mudanças não são apenas os profissionais democratas ou os familiares, mas também, e acima de todos, os usuários. No palco da vida, há agora pessoas que descobriram a sua própria voz!

Naqueles anos Primo carregava uma tristeza: não fora capaz de rever sua casa natal, nas montanhas dos Apeninos, a casa "no centro" de suas histórias. *"Na casa onde eu nasci havia um terreiro onde você bate o grão. Porque era um trabalho árduo, começou-se a chamar o "mau terreiro". Esse nome foi dado, em seguida, para a própria casa e agora, enquanto durar o mundo, você sempre vai chamar a "casa do mau terreiro"*. Eu tive que satisfazer o desejo de Primo e tive que fazê-lo o mais breve possível. O diretor de uma televisão local – Mariani – disse que estava disponível para documentar com um filme o

retorno de Primo à casa dele. Ele também queria participar, como muitas pessoas, daquela recuperação fascinante de cidadania que foi a desinstitucionalização. Estávamos descobrindo que a necessidade de protagonismo era uma força extraordinária que contagiava as pessoas.

Eu tinha escrito a cena do filme: voltar para a casa de Primo seria uma viagem real, mas teria contido também a ideia de uma viagem interior, uma viagem através da memória e dos desejos. Eu usei como notas de fundo o “Trio pour piano, violon et violoncelle en la mineur” de Maurice Ravel e as palavras do poema “Ítaca”, de Constantine Cavafis. *“Quando você partir para Ítaca deseja que sua estrada seja longa, cheia de aventuras, plena de conhecimento ...”*

A aldeia natal de Primo era localizada nos Apeninos, perto do local de nascimento de um grande poeta – Dino Campana, ele também admitido no manicômio de Imola no final de 1800. Naquele país, Dino Campana tinha celebrado o seu grande amor e desespero por uma grande escritora da época – Sibilla d’Aleramo: *“Oh, mulher de sonho, adorada mulher, mulher forte, perfil revestido de linhas doces e poderosas... aqui vivem os falcões. A colina é muito bonita e o céu muito azul. O rio canta bem sua cantilena.”* Era uma paisagem mágica, a paisagem dos contos e da poesia: florestas de carvalhos e castanheiras, igrejas e castelos no cimo das colinas...

E, finalmente, veio o dia da viagem! Através das curvas da montanha o carro nos tinha levado para o país natal de Primo. Ele quis mostrar-nos a fonte batismal onde tinha sido batizado. Em seguida, descemos, a pé, até o rio, lá embaixo, para subir na floresta do outro lado e alcançar a “casa do mau terreno”, agora abandonada. Primo estava visivelmente emocionado. O sol reluzia por entre a vegetação densa e brilhava nas poças do rio. A subida foi difícil, porque tinham-se perdidos os caminhos. Então, de repente apareceu uma clareira e a “casa do mau terreno” estava de frente à nós. Nas paredes em ruínas havia raízes de troncos de árvores; nas vigas do telhado arrancado, um gaio havia feito um ninho. Quando nos aproximamos levantou-se no ar com um grito lancinante. No céu circulava um falcão. Eu sentia uma emoção forte, um sensação de mistério e de encanto diante de uma natureza exuberante e selvagem. Mas, Primo, ele sentia dor, tocava as paredes com os dedos,

incerto, silencioso. Todos os seus infortúnios - ele disse - tinham começado, quando por causa da pobreza, ele teve de abandonar a “casa do mau terreiro” e teve que procurar fortuna nas planícies, indo trabalhar para outros. Os problemas tinham começado quando ele teve que se afastar da casa onde nasceu ... *“Porque para mim o futuro estava nas montanhas, na terra, não na cidade.”* O regresso tão desejado à casa tinha trazido arrependimentos e saudades. *“... Mantenha sempre Ítaca em mente - dizia a poesia de Cavafis – esse seja o pensamento constante. / Mas não apresse a viagem / faz com que ela dure muito tempo, por anos / e que você, velho, chegue à ilha / você rico / dos tesouros acumulados pela estrada / Não esperando riqueza de Ítaca.”*

*

Depois da viagem, durante alguns dias, não vi Primo. Em seguida, quando eu o encontrei no bar do hospital, ele me disse: *“Na ‘casa do mau terreiro’ secou-se a fonte e não existe mais água. Era preciso reconstruir a casa perto do rio. Mas quem quer vir ficar comigo? ... É o bom Deus que decide e dá sabor à nossa vida e a Casa do Vento agora é minha casa! É verdade: um desastre tornou-se uma fortuna”.*

*

Passaram alguns meses, e tudo aconteceu de repente. Uma manhã, ele desmaiou, tinha vomitado um líquido marrom e quando eu o levantei, ele apontou para o estômago:

“Então, em ‘52, meu pai morreu de câncer no estômago – havia escrito em seu livro – Meu pai nunca quis ser transportado para o hospital, porque ele dizia que era velho e que era tudo em vão. Ele foi para a cama e disse: ‘eu morrerei amanhã’.” A permanência de Primo no hospital geral durou apenas alguns dias: o câncer de estômago era muito avançado, inoperável. (Giovannino, dentre todos os hóspedes da Casa do Vento, foi quem passou mais tempo com Primo. Para ele, chamado de “portador de retardo mental grave” e que tinha sido rejeitado por sua família, Primo era como um pai). Primo não podia falar, olhava para mim com os olhos irônicos e doces. *“Eu escrevi minha história para ensinar aos outros como eu cheguei a ficar doente ... Peço perdão ao Senhor por eu ter perturbado alguém. E eu agradeço*

àqueles que me fizeram o bem, e que o Senhor faça a santa graça, que se tornem bons os homens que me fizeram mal e que me restituam o que eles me roubaram.”

*

Em 29 de outubro de 1993 Primo Vanni, após trinta anos de asilo, morreu na Casa do Vento, que tinha se tornado a sua nova casa. Morreu no final de uma vida de pobreza e sofrimento, mas cheia também de carinho e amizade. A sua história, a sua subjetividade, foram ligadas ao processo de desinstitucionalização que teve lugar em Imola e foram ligadas, indubitavelmente, às nossas histórias. Eu não sei se o seu livro foi uma obra de arte, não sei se as pinturas de Mário e Giuseppe, ou o teatro de Mazzolanza-Sagré poderiam ser chamados de arte. Mas todas essas coisas – o teatro, a pintura, a literatura – trouxeram todos nós, profissionais da saúde, cidadãos, pacientes, para fora do horizonte estreito e convencional da linguagem médica ou sociológica e nos ajudaram a compreender uma coisa: que a vida de todos nós, que a vida de Primo Vanni, em particular (isso sim!) tinha sido uma obra de arte.

No filme que descrevia a viagem de Primo, no final quando apareciam os títulos finais, com o nome dos atores e do diretor, eu adicionei uma canção que cantavam os escravos negros americanos: *“Nobody knows the trouble I’ve seen, / Nobody knows / but Jesus”* (Ninguém sabe os problemas que eu vi / Ninguém sabe / Somente Jesus)

Sim, Primo, ninguém pode descobrir o quão grande foi o teu sofrimento, ninguém pode imaginar, ninguém. Talvez só Deus possa entender!

Recebido em 30/05/2012

Aceito em 01/07/2012